

Horácio Bento de Gouveia: Romances com o Mar lá dentro

Horácio Bento de Gouveia: Novels dashed by the Sea

Susana Caldeira¹

Resumo

Revisitámos os seis romances de Horácio Bento de Gouveia (1901-1983), que convocámos para este ensaio, para perceber de que modo se (d)escrevia o mar na sua obra. Que dimensão lhe deu Bento de Gouveia? Que importância teve o mar para este escritor que tão bem retratou a identidade ilhoa madeirense, a condição de ser-se insular, sobretudo no Norte da ilha onde a vida era mais dura?

Ao percorrermos *Lágrimas Correndo Mundo* (1959), *Águas Mansas* (1963), *Canga* (1975), *Torna-Viagem* (1979), *Margareta* (1980) e *Luísa Marta* (1982), apercebemo-nos de que o mar se faz presente em todas estas obras literárias. E não se trata apenas de um mar que se contempla em jeito de admiração, mas é um mar que leva e traz gentes e coisas, um mar que se quer revoltar porque é do Norte, um mar que abre caminhos para a emigração e para a evasão, um mar que separa, que atrai e que condiciona a vida insular.

Palavras-chave: Romance; Horácio Bento de Gouveia; Mar; Identidade Insular.

Abstract

We revisited the six novels by Horácio Bento de Gouveia (1901-1983), that we have summoned to this essay, in order to understand how the sea was depicted in his work.

¹ Mestre pela Universidade da Madeira em 2005, estudou Cultura e Literatura Anglo-Americanas e focou a sua pesquisa na emigração madeirense para o Hawaii, fazendo uso do diálogo fértil entre múltiplas ciências como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Etnografia, etc., para explorar temas como mobilidade, identidade, alteridade, preconceito, racialização, aculturação, entre outros: CALDEIRA, Susana, 2010, *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico. Os seus interesses focam-se, sobretudo, no âmbito da cultura e literatura insulares e tem revelado alguma pesquisa sobre o papel da mulher nas migrações. Tem vários artigos publicados. É investigadora no Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira | Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira, membro do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa (CEC) e Investigadora Associada do Projeto Colour of Labour: The Racialized Lives of Migrants (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa). Contacto: susana.coc.caldeira@madeira.gov.pt.

What dimension did Bento de Gouveia give to it? What importance did the sea have for this writer who portrayed the Madeiran islander identity so well, mainly in the north of the island where life was harder?

As we went through *Lágrimas Correndo Mundo* (1959), *Águas Mansas* (1963), *Canga* (1975), *Torna-Viagem* (1979), *Margareta* (1980) and *Luísa Marta* (1982), we realised that the sea is present in these literary works. And it is not merely about the sea that one gazes in amazement; it is about the sea that takes and brings people and things, the sea that is rough because it is the Northern Sea, the sea that makes way for emigration and evasion, the sea that separates, attracts and constrains the islander life.

Keywords: Novel; Horácio Bento de Gouveia; Sea; Islander Identity.

O romance bentiano, de temática madeirense, reflete, regra geral, uma visão de um espaço islenho muito particular porque condicionado pelos limites do mar – que fazem a fronteira com a ilha –, pelas condições meteorológicas e orográficas e pelos constrangimentos socioeconómicos que afetam, muito mais diretamente, os pobres lavradores rurais sujeitos que estão ao peso da história que carrega consigo um sistema de exploração da terra injusto e caduco, mas culturalmente aceite.

Não menos importante que o espaço, é o tempo da narrativa que com o espaço se interliga, revelando épocas específicas da História da ilha da Madeira, retratadas quase que fielmente porque foram épocas vividas pelo autor que, de um modo pitoresco, recria os falares das gentes do campo, aponta as dificuldades vividas num espaço insular onde faltavam as vias de comunicação, onde a terra fértil havia deixado de alimentar o povo que se viu forçado a emigrar para destinos inóspitos, e critica a falsa moralidade social e política que então se vivia.

Horácio Bento de Gouveia foi um escritor insular que viu a sua obra confinada ao arquipélago da Madeira. Apesar de, como apontou Thierry dos Santos, ser um «autor não canonizado pela instituição literária nacional»², cremos poder afirmar com propriedade que se destacou como símbolo da identidade madeirense e da História da cultura na Região Autónoma da Madeira, no que à literatura madeirense diz respeito.

Muitos dos seus escritos foram publicados na imprensa regional, na qual também foi colaborador como jornalista. A propósito das crónicas jornalísticas de Bento de Gouveia, Lisandra Ornelas Faria, num ensaio bem construído, destaca o contributo dessas crónicas para a afirmação da identidade madeirense:

² SANTOS, 2001, «Em Torno de Horácio Bento de Gouveia e do seu Romance *Ilhéus / Canga*», p. 6.

«A escrita bentiana representa uma prova documental da identidade da Ilha da Madeira, que embora não esteja teoricamente consolidada, é uma realidade. E a crónica jornalística, sendo um género subjetivo, opinativo e híbrido, foi o “palco” ideal para o madeirense exprimir, por diversos momentos, a sua faceta regionalista»³.

Horácio Bento de Gouveia foi também, durante muitos anos, professor e conferencista (tanto na Madeira como em Portugal continental) e, para além dos seus romances, que em breve abordaremos, deixou-nos ainda crónicas e contos que, mais do que revelarem a experiência da insularidade, revelam a experiência da madeirensidade porque é nesta ilha e nas suas gentes que encontra a identidade singular dos seus escritos: «As fontes diretas são a sua experiência da ilha, o seu modo de olhar para as coisas e as gentes, atento aos pequenos nada que dizem muito, à aprendizagem da vida que fez dele um homem»⁴.

De facto, a cultura e a literatura populares estão sempre presentes e evidentes na obra de Horácio Bento de Gouveia, sobretudo nas crónicas e nos seus romances que são, tacitamente, de inspiração regionalista. É manifesto que o escritor, para além de dar voz a quem não a tem, se preocupa em dar enfoque ao linguajar madeirense e à representação do quotidiano do povo ilhéu, reproduzindo as tradições etnográficas e religiosas como se de um apontamento histórico para a posteridade se tratasse: «Há em Horácio Bento de Gouveia a consciência de que cabe à literatura essa função nobre de ser a depositária de uma memória colectiva que de outro modo, com o desaparecimento das pessoas em que ela habita, se perderia»⁵.

Bento de Gouveia foi um escritor que, elevando a raia miúda da sociedade rural e ironizando e criticando o poder político, soube ser grande na sua ilha. Margarida Macedo Silva «[r]ecordando o Mestre» em tom elogioso, resume a ideia da qual partilhamos:

«Para além do seu imenso amor ao torrão natal, evidenciado em todas as suas obras, Horácio Bento de Gouveia sabia ter uma missão a cumprir, tinha de plasmar em literatura a marca humana do drama ilhéu. E foi auscultando os heróis desse drama, na convivência com a gente pobretana, ouvindo a saudade dos *Torna-Viagem*, sentindo as lágrimas dos revoltados, que Horácio Bento de Gouveia se realizou de modo tão completo»⁶.

Neste ensaio, propusemo-nos a analisar a presença do mar nos seis romances de Horácio Bento de Gouveia. A literatura de temática madeirense cheira a maresia

³ FARIA, 2017, «As crónicas jornalísticas de Horácio Bento de Gouveia: Contributos para a Afirmação da Identidade Madeirense», p. 45.

⁴ SANTOS, 2001, «Em Torno de Horácio Bento de Gouveia e do seu Romance Ilhéus / Canga», p. 12.

⁵ FOURNIER e JOAQUIM, 2002, «Fantasia da Memória e Fantasma Erótico em *Luísa Marta* de Horácio Bento de Gouveia», p. 47.

⁶ SILVA, 2002, «Recordando o Mestre. Anotações a um Itinerário Bibliográfico», p. 30.

porque tem quase sempre esta presença do mar⁷, uma presença que na ilha é quotidiana, esse azul imenso que abraça a ilha e que ora a eleva, ora a subjuga.

Como tão bem escreveu Hélder Spínola ao dissertar sobre a humanização da paisagem madeirense:

«Quando, há seis séculos, os portugueses deram os primeiros passos para o povoamento da Madeira e do Porto Santo, iniciaram esse processo pela porta de entrada, o litoral. Foi no litoral que se instalaram e de onde começaram por retirar o seu sustento. Sem acessos terrestres, as deslocações na ilha fizeram-se por mar, em navegação junto à costa, e foi à beira desta estrada marítima que se erigiram os primeiros povoados e se cultivaram os primeiros solos»⁸.

Creemos poder afirmar que o mar é mesmo um dos traços da nossa idiossincrasia como ilhéus. Este elemento líquido surge na literatura seja como paisagem idílica, objeto de contemplação, como possibilidade de fuga da ilha, ou como obstáculo a essa fuga, seja simplesmente como ambiente de trabalho ou cenário de sonhos, de imaginário e de aventuras. A propósito deste mar e da condição de ser-se ilhéu, diz João David Pinto Correia:

«O mar, sempre presente, é ambiente de trabalho, mas também traz outros mundos e possibilita os projectos de refazer vidas ou simplesmente a aventura ou o gosto de conhecer novas paragens. Como a própria terra de basalto dos picos e das encostas, ele patenteia-se, em muitos sítios da ilha, como falésia vertical, calmo e de azul intenso ou, pelo contrário, revoltado e de cinzento carregado»⁹.

Habitar a ilha é ter a certeza da finitude de todos os caminhos que desembocam no mar, é sentir o confinamento a que o mar obriga, mas é também sonhar com as terras que estão para lá do horizonte, essa linha onde o mar e o céu se tocam, tornando-se num só. Habitar a ilha é também viver do mar, usar o mar e esperar o que (ou quem) do mar possa chegar. Habitar a ilha é ser-se ilhéu em toda a sua singeleza e complexidade. É nascer a ver, a ouvir e a sentir o mar. Diz-nos Maria Júlia Caré:

⁷ Curiosamente, António Fournier não partilha da nossa opinião. Apesar de asseverar que Maria Aurora Homem, João Carlos Abreu e José António Gonçalves (escritores madeirenses) fazem alusão ao mar, escreve num ensaio: «Não passará inobservado ao leitor da literatura de temática madeirense, que o mar, por incrível que pareça, está muitas vezes distante ou é mesmo inexistente. Este quase silenciamento do elemento líquido, ao contrário do que se passa nos Açores, faz com que não se possa escrever um livro sobre a Madeira nos mesmos moldes que a *A dona de porto Pim* de Antonio Tabucchi, apesar de os madeirenses se terem dedicado também à epopeia baleeira, como aliás se vê em *Moby Dick*, o célebre filme de John Huston, rodado também nos mares da Madeira». Acrescenta que na literatura de temática madeirense «[o] mar aparece como paisagem que se contempla à espera de uma qualquer epifania ou novidade, como a chegada dos grandes transatlânticos iluminados como teatros e carregados de turistas que se divertiam a jogar uma moeda para a água e a ver os rapazes pobres exibirem-se mergulhando para recolhê-la», FOURNIER, 2021, «O céu sobre as ilhas», pp. 29-30.

⁸ SPÍNOLA, 2021, «A natureza e o ilhéu madeirense», p. 135.

⁹ CORREIA, 2021, «A condição de ilhéu: vivência, memória, testemunho», p. 19.

«É o mar que nos faz ilhéus. Dele nos vem a origem líquida que marca para sempre a nossa identidade. Porque, hoje mais do que nunca, a ilha não se reduz ao espaço sólido; completa-se no mar que consagra esta relação umbilical, numa imagem de aconchego materno, de lar, de refúgio do náufrago, mas também de prisão que oprime»¹⁰.

O mar, imensurável elemento da Criação, aparece na literatura sempre carregado de mistério e de simbolismo. Existe um sem número de lendas e de mitos literários ligados ao mar. Recordamos, entre outros, o mito de Narciso que se contemplava nas águas, apaixonando-se pela sua própria imagem refletida, até que se afogou. Podemos também falar do mar exaltado na grande viagem épica para a Índia, de que fez eco o grande poeta Luís de Camões em *Os Lusíadas*; o mar das Descobertas portuguesas, tantas vezes celebrado por escritores e historiadores; o mar lágrimas, causadas pelas almas para sempre perdidas, pelas partidas (quantas para sempre, sem regresso), ou pelas chegadas e o colmatar da saudade; o mar dos poetas inspirados pelas ninfas, pelas juras de amor, pelas águas cristalinas, confidentes e amenizantes, pelos lamentos saudosistas; o mar tenebroso, enfrentado por valentes marinheiros que o desbravam, transformando-se, tantas vezes, em mar temido e misterioso, em mar tragédia, onde reside o perigo e a morte; o mar chamamento que repetidamente faz sonhar o ilhéu que o quer rasgar e alcançar as terras que estão para lá do horizonte onde a vida se adivinha menos difícil; o mar aventura que desafia quem não se contenta com a pequenez da sua ilha. É o mar dos arrojados que, com maior ou menor sensatez e com o deslumbramento do desconhecido, querem arriscar e conquistar mais além, olhando para essa imensidão de azul como portas abertas para uma qualquer liberdade; o mar provação, daqueles que diariamente fazem a faina ou dos tantos que, ao longo da História, passaram privações em alto mar: fome, frio, calor, sede, doenças, ataques de piratas, etc.; o mar fronteira que isola a ilha e o ilhéu e que o obriga a viver os constrangimentos da insularidade. Enfim, todo um mar que desde sempre influenciou a literatura e a cultura portuguesas.

Como tão bem disse Larsen:

«The sea is more than water and remote horizons. Since the beginning of literatures, the sea has sent waves of challenges to human existence through numerous stories and poems and continues to do so in all media. Everywhere the sea marks the limits of collective and individual human identity both on a social level as a question of survival, on an anthropological level as a non-human space we are bound to and on an ontological level as the boundary between life and death. The role of the sea in literature reaches

¹⁰ CARÉ, 2021, «Ilhéu madeirense: um testemunho no feminino», p. 84.

far beyond maritime novels and heroic epics feeding on adventures at sea. In constantly changing cultural contexts it releases the basic question of human identity in all its complexity across time and space»¹¹.

Revisitámos os seis romances de Horácio Bento de Gouveia (1901-1983), que convocámos para este ensaio, para perceber de que modo se (d)escrevia o mar na sua obra. Que dimensão lhe deu Bento de Gouveia? Que importância teve o mar para este escritor que tão bem retratou a identidade ilhoa madeirense, a condição de ser-se insular, sobretudo no Norte da ilha onde a vida era mais dura?

Ao percorrermos *Lágrimas Correndo Mundo* (1959), *Águas Mansas* (1963), *Canga* (1975), *Torna-Viagem* (1979), *Margareta* (1980) e *Luísa Marta* (1982), apercebemo-nos de que o mar se faz presente em todas as obras literárias, não deixando o autor indiferente à sua grandeza. E não se trata apenas de um mar que se contempla em jeito de admiração, mas é um mar que leva e traz gentes e coisas, um mar que se quer revoltado porque é do Norte, um mar que abre caminhos para a emigração e para a evasão, um mar que separa, que atrai e que condiciona a vida insular.

Horácio Bento de Gouveia é um escritor que se preocupa com a descrição do magro viver das gentes da terra, com as crises agrícolas que votam o camponês à miséria e com o terrível contrato de colónia que faz com que o senhorio fique cada vez mais rico, enquanto o colono trabalha as suas terras entregando metade da produção e ficando com pouco ou nada para o seu sustento e dos seus. Esta realidade está, sobretudo, retratada no romance *Canga* onde, segundo Thierry Proença dos Santos, «são descritas situações de grupos que vivem em condições desumanas. Neste prisma, o romance é uma obra de denúncia da exploração do homem pelo homem, em que o romancista procura focar um grupo social menos protegido, os colonos, e uma estrutura económica que aliena, o contrato de colónia»¹². Este contrato de colónia roçava uma espécie de escravatura branca, também denunciada por historiadores e escritores quando se referiam a essas épocas idas: «Na gesta do povoamento da Madeira, não podemos deixar de referir o tenebroso “regime de colónia” que o engenho humano engendrou sob o impulso malévolo de alguns beneficiarem com o suor, a perda da dignidade e a subjugação de uma larga maioria. A Madeira enforma uma história vergonhosa de uma autêntica “escravatura branca”»¹³.

¹¹ LARSEN, 2012, «Sea, Identity and Literature», pp. 171-172.

¹² SANTOS, 2002, «Horácio Bento de Gouveia: a (Re)escrita de *Ilhéus/Canga*», p. 53.

¹³ RODRIGUES, 2021, «Ilhéu Madeirense», p. 125.

A propósito do contrato de colônia e das conseqüentes vagas migratórias que vitimaram a ilha da Madeira, não queríamos deixar de reproduzir o quadro vivo e fiel da ilha que nos deixou o historiador Nelson Veríssimo quando escreve:

«Este sistema de estrutura fundiária e a predominância de uma cultura agrícola cujo produto final se destinava à exportação, como era o caso da vinha, favoreceram a emigração, principalmente dos que não conseguiam arrancar da terra sustento para as suas famílias e dos que não tinham possibilidade de trabalhar a meias uma parcela de terreno.

O desconhecimento do local de destino, a incerteza do sucesso e do regresso ensombriavam a partida, mas agora a determinação e a esperança, mais do que a coragem, ofuscavam medos ancestrais. Havia quem neles quisesse ver um espírito aventureiro, mas a barriga vazia não lhes permitia, por certo, devaneios burgueses. Partia-se, sim, com receio, mas com a firme vontade de largar a enxada da vida magra, do tamanho do poio que cultivavam a meias ou de coisa nenhuma.

A emigração marcou as vivências insulares. O exemplo dos bem-sucedidos contagiou quem ainda hesitava. Pedia-se dinheiro para as viagens e partia-se com o receio de não poder cumprir a obrigação selada com um aperto de mão. Partidas ficavam também as famílias. Despedaçadas esperanças de olhares e corpos apegados»¹⁴.

Irene Lucília, por outro lado, numa prosa quase poética, fala também dos emigrantes ilhéus:

«Se sai [o ilhéu] à procura dum mais largo horizonte é porque sente dentro de si uma espécie de nascente copiosa que não se resigna com a estreiteza dos vales por lhe travar a extensão dos caudais. Este apelo insular é comum à maior parte dos que saem, um fenómeno intrínseco à natureza dos mais sensíveis que são, afinal muitos, quase todos. Desde o homem do campo ao habitante da urbe, são conhecidas as experiências dos que, dum modo ou de outro, têm histórias de viagem para contar. A aventura da procura, o deslumbramento e o desencanto, a luta e a aflição do desfasamento que mói dia a dia e acicata a saudade»¹⁵.

As crises e as condições de vida deploráveis sentidas sobretudo no meio rural levam a que muitos tenham de abandonar os campos e recorrer à emigração, na esperança de um futuro mais promissor. Os barcos que rasgam os mares repletos de emigrantes e os que trazem notícias ou dinheiro para quem ficou na ilha são, por isso, tema frequente nos romances de Bento de Gouveia. E, assim, ficamos a conhecer, em *Lágrimas Correndo Mundo*¹⁶, a história de Manulinho, cuja ambição era maior do que aquilo que a ilha tinha para lhe oferecer e que «embarcou certa manhã de aguaceiros

¹⁴ VERÍSSIMO, 2021, «Entre mar, serras e medos», pp. 40-41.

¹⁵ ANDRADE, 2021, «Ainda que o digas, não partirei», p. 35.

¹⁶ GOUVEIA, 1959, *Lágrimas Correndo Mundo*.

no “Pretoria Castle”, rumo da África do Sul, em busca de fortuna, a fim de casar com a Maria de Jesus» (p. 23). O mesmo mar traz uma carta de Manulinho para a sua amada:

«Maria de Jesus: Graças a Deus vua indo bem na casa. Os patrões só no sábado é que vêm aos escritórios pagar a féria. Eu ainda não os intendo proque eles falo inglês e nã conhecem a nossa fala. Aqui tudo é munto grande comparado com ei nossas casas e ruas. O jardim é comprido. Maria de Jesus, espero tar aqui cinco anos e ao depois vua à Madeira p’ra gente se casar. O dinheiro de quatro anos deve chegar para mandar fazer ua casa. Não há cuma se viver naquilo que é nosso. Não se paga renda nem o dono aumenta renda. Já tenho soidades de ti e alembro-me sempre do Palheiro Ferreiro onde nos conhecemos, naquele mês de Maio.

Dá soidades à tua mãe e arrecebe muntas soidades que só à vista terão fim, do Manulinho» (pp. 65-66).

Transcorridos anos de labuta e saudade, num dia de janeiro, o mar traz uma nova carta de esperança e de promessa de um futuro melhor para o casal:

«Alembrada Maria:

Espero que ao receberes esta carta, ela te vá encontrar de saúde que, quanto à minha, vai boa graças a Deus.

Participo-te que me vou embora para o mês de São João. As soidades são tantas que já não posso tar mais tempo longe de ti. Ao depois, tou desejando de ver a nossa casa nova. Peço-te que me mandes o retrato dela, do pessegueiro, da latada da vinha e do porco da Festa. Parece-me mentira que é este ano que a gente se vai casar, inda que se esteja casados no registo.

O vezinho Josia da Fonte vive cá com ua mulher da Calheta que fugiu ao marido. Ui filhos dela ficaro a viver com o pai. Não digas nada disto à vezinha Berta p’ra não se apoquentar. Isto de homens casados embarcar e deixar as mulheres dá nesta falta de respeito.

Maria de Jesus, tou sempre a alembrear-me de ti com muntas soidades. Recomendações a todos que por mim perguntar. Soidades à tua mãe e arrecebe muntas soidades minhas.

Manulinho» (p. 131).

Muitas outras referências aos embarcadiços são feitas em *Lágrimas Correndo Mundo*. Fala-se do alfaiate que «tinha partido em Março, em demanda de fortuna, para o Rio de Janeiro» (p. 159), do filho do compadre Joaquim do Estreito de Câmara de Lobos: «Aqui na carta tão uas linhas que não percebo. Ora lê! São notícias do mê Joaquim que tá no Rio de Janeiro, meis lá pra o interior» (p. 187), ou do procurador, vizinho de Gregório que recebeu de longe uma procuração para vender a fazenda a quem a comprasse (p. 189).

Também em *Luísa Marta*¹⁷ podemos ler a sina do pobre José Casca que, fugido da Lombada da Ponta Delgada¹⁸ para o Noroeste brasileiro, se vê obrigado a voltar à

¹⁷ GOUVEIA, 1982, *Luísa Marta (Ficção e Memória)*.

¹⁸ Como constatou Thierry Santos, «o autor elegeu a Ponta Delgada como o centro geográfico-sentimental da sua insularidade», in SANTOS, 2002, «Horácio Bento de Gouveia: (Re)escrita de *Ilhéus/Canga*», p. 56.

Madeira para despedir-se da mãe no seu leito de morte (p. 119) e da sua irmã Lucília que se casara com José Barbado, mas a triste vida insular empurrara-os para outras paragens: «Embarcaro pá América» (p. 143). Como empurrava outros para diferentes destinos: «o cais apinhado de familiares dos que se iam para as Áfricas foi-se desapinhoando» (p. 191).

Em *Torna-Viagem*¹⁹ o tema da emigração e do retorno à ilha da Madeira são amplamente abordados. A certeza de que só fora da ilha é possível fazer fortuna faz com que Artur, um dos protagonistas do romance, afirme: «-Eu inda sua novo. Um dia hei-de imbarcar. Lá fora ganha-se munto» (p. 12). Esta ideia de embarcar é corroborada pelo vendeiro da aldeia que trespassa a venda e trata do «passaporte a fim de alistar-se numa leva de emigrantes que demandavam a Venezuela» (p. 40). Questionado por Artur se vai emigrar, responde o vendeiro: «Poi vua. Pá Venezuela. Aqui ñã se alevanta cabeça. Ei terras ñã dão mais que p'ra se comer, p'ra se vestir case ñã chega» (p. 49). Também Inês – outra das protagonistas do romance – tem como maior aspiração emigrar para a Venezuela e lá fazer fortuna: «Em primeiro lugar iria o marido e quando fosse possível então ela e os filhos se embarcavam» (p. 63).

Chega o dia em que Artur cumpre o sonho de sair da Madeira rumo à Venezuela:

«O “Cabo Hornos”, navio espanhol de emigrantes, abicou em frente ao cais da cidade. [...] Desceu Artur a escada do cais e saltou para dentro da lancha que se achava já repleta de passageiros. O gasolina desapegando-se da sapata da escada que o mar babujava, lento e lento, aos haustos activos e passivos, fendeu o movente domínio de Neptuno e acerrou-se do paquete. [...] Zarpou o “Cabo Hornos” com a noite estrelada» (p. 73).

Também Francisco, marido da Inês, teve a sorte de conseguir emigrar para o mesmo destino: «E partiu-se do cais da cidade, debaixo de um céu de nuvens encarvoadas, o Francisco da Inês. Na Achada se fizeram os adeuses» (p. 103). Ao contrário de Artur, Francisco é bem-sucedido nos negócios e, assim que amealhou o suficiente, «escreveu à Inês [para quem a felicidade só seria possível atravessando o mar] uma carta diferente das demais que, pela surpresa a encheu de desmedida alegria. Que tratasse das passagens e viesse no primeiro navio de escala que demandasse à Venezuela» (p. 105).

Em *Canga*²⁰ ressoam, nos diálogos dos pobres colonos, os desejos de embarcar para paragens mais promissoras: «quem ñã tem terra de vinho ou de cana o melhor que pode fazer é imbarcar» (p. 39). E ainda: «Pensei em imbarcar. O Gracês há mai de cinco anos que foi p'ra o Brasil com a família e 'tá bem cuma bem. A terra alheia

¹⁹ GOUVEIA, 1995, *Torna-Viagem*, cuja primeira edição data de 1979.

²⁰ GOUVEIA, 2008, *Canga*, cuja primeira edição data de 1975.

nunca foi madrasta p'ra quem não quer andar à boa vida» (p. 42) ou: «– O pai proque nã vende ei benfeitorias ao Perrolho que chigou do Brasil, e ao depois embarcamos todos?» (p. 65).

Mas os embarques e os embarcações nem sempre se reportam apenas à emigração. Existem também as viagens marítimas, símbolo de fuga ou de evasão momentânea da ilha. Tanto em *Margareta*²¹, como em *Luísa Marta*, esses momentos de evasão estão bem patentes. No romance *Margareta*, deparamo-nos com um Nuno que «aperreado entre o mar e a montanha sempre viveu na inquietude de evadir-se na busca de novo contacto humano» (p. 185). Já em *Luísa Marta*, o mar levará o narrador até Lisboa, onde este prosseguirá os seus estudos – «Jaz no silêncio da noite englobante, muito distante do cais, o paquete “Moçambique” que me conduzirá a Lisboa» (p. 113) – e mais tarde ao Brasil, em viagem de recreio: «foi por uma outonada morrente, em que um desconsolo indefinido paira nos espaços sem vida humana; embarquei-me no cais da cidade para bordo do “Sierra Morena” que me transportou ao Rio de Janeiro onde me reuni ao “Orfeon Académico de Lisboa”» (p. 126).

O mar é também motivo de separação causado pela distância. Em *Margareta*, Amália escreve a Vasco uma carta onde se lia: «Aqui estou sempre a pensar em ti, que é quem eu mais amo neste mundo, e, tu, meu amor, esqueces-me porque o mar nos separa» (p. 94). Também *Margareta* tem dificuldade em separar-se de Nuno: «– Eu quero dizer que o espaço entre a Madeira e a Dinamarca, esta ideia devia ser mais restrita, sem o mar a separar-nos e com a terra menos extensa» (p. 269). Em *Luísa Marta*, Raquel sofre a separação de um marinheiro inglês por quem se tinha enamorado, quando este é levado para o Funchal após um naufrágio (p. 45). Também D. Clotilde e Luísa Marta abandonam a Madeira, depois de D. Clotilde ficar a par da traição do marido, e vivem uma espécie de exílio voluntário no Porto Santo: «Luísa Marta surpreendeu o esplendoroso do entardecer na ilha que o Atlântico criou por insistência de Neptuno. Sentia-se num outro mundo, um mundo diferente da Lombada, a Lombada da sua infância, que o mar separava sem que ela tivesse a consciência do ocultamento do existir» (p. 225).

A imagem do mar sepultura aparece também nos romances. Em *Margareta*, quando apreciam a vista a partir do Cabo Girão, *Margareta* dirige-se assim a Nuno: «Nuno, o mar lá em baixo chama por mim. Não seria eu mais feliz se ele me sepultasse nas suas águas?» (p. 306). Já em *Águas Mansas*²² ao falar sobre a Maria do Cabós, que morreu numa enxurrada quando atravessava a ponte, dizia-se: «Rais parta esta vida.

²¹ GOUVEIA, 1980, *Margareta*.

²² GOUVEIA, 1963, *Águas Mansas*.

Ua pessoa vem ao mundo, anda por i aos trambolhões, trabalha mais para os outros que p'ra si e, finalmente, ua enxurrada vai atupi-lo como a cachorro, entre penedos no fundo do mar» (p. 34). Em *Luísa Marta*, regressamos à pessoa de José Casca, fugido da Lombada da Ponta Delgada rumo ao Brasil, quando, no navio que o transporta, pensa em atirar-se ao mar: «Olhou ele para o mar da morte, mas, espontaneamente, ergueu a cabeça para o alto e o céu, sementeira de estrelas, recordou-lhe o céu da Lombada em noite de Julho quente. [...] Morrer seria fechar os olhos para sempre, seria abrir uma cova no mar e nela ficar sepultado» (p. 121). Para Domingalhos, o “tontinho” da Lombada, apaixonado por Luísa, o mar do Porto Santo acabou mesmo por ser a morte. Ao ver Luísa Marta com outro homem, Domingalhos não suportou a dor: «E porque não admite a ilusão do entendimento, o Domingalhos, naquele entardecer de amores perfeitos diluídos na curvatura côncava do céu, braços pendentes ao longo do corpo, estátua andante, entrou-se no mar, assim com o seu vestuário rústico de serrano. E foi pelo mar abaixo» (p. 260). Também em *Torna-Viagem*, quando a mãe de Gregório lhe escreve, conta o que aconteceu à filha do Ramalho da Fajã do Penedo que, tendo o marido emigrado para o Brasil, engravidou de um outro. Com vergonha, matou-se e o cenário continua a ser o mar: «ela botou-se de lá imbaixo, de lá donde savista o mar no fundo» (p. 135).

O mar do Norte, na Ponta Delgada, é poucas vezes descrito como um mar suave e prazeroso. O leitor fica com a imagem de um mar revoltoso e difícil, que brame e ruge nos fundões das arribas, ao ponto de abafar os barulhos da aldeia, como se pode ler em *Canga* quando, depois da missa do parto, «[o] mar, com levadia rija, fazia tal zoadada que abafava o algaraviar dos grupos que cavaqueavam atrás da igreja» (p. 44). Outras descrições se assemelham: «O dia amanheceu cinzento, brumoso, nublado, de névoas no mar e na serra. [...] Uma zoeira constante avolumava-se, tornando-se cada vez mais forte. Era o mar rugindo, tragando a costa, em uma levadia furiosa» (p. 102); «O mar bramia como leão ferido. E a cerração do mar casou-se com a do céu e da terra» (p. 216); «Urrava o mar de encontro aos penedos por detrás da igreja» (p. 225). Quando Manuel – a personagem que serve de fio condutor em toda a trama de *Canga* – regressa à Ponta Delgada: «Deambulou até aos confins da fazenda para os lados do mar. A chiadeira das ondas tinha a mesma ressonância que outrora. E as vagas quebravam-se e lambiam os rochedos do litoral, desfazendo-se em flores branquíssimas de espuma» (p. 198).

A fúria do mar também se revela nas viagens de cabotagem, muitas vezes a única possibilidade de mobilidade entre povoações, devido à escassez de meios de comunicação terrestre. Horácio Bento de Gouveia era particularmente sensível às questões orográficas e à falta de vias de comunicação entre o norte e o sul, como

se reivindicasse, através dos seus escritos, a dignidade devida a uma população que vivia isolada dentro da ilha: «há em Horácio Bento de Gouveia a consciência aguda do peso moral que constitui a barreira natural da orografia para o homem do norte, e de como essa cicatriz opera uma cisão profunda, determinante e irrasurável, na identidade dos habitantes das duas partes da ilha»²³.

Em *Lágrimas Correndo Mundo*, podemos observar como deixar os passageiros em terra poderia tornar-se uma aventura apenas possível devido à experiência dos barqueiros:

«No Porto da Ponta Delgada estava o mar grosso, o mar jogava e batia na rocha alta, na falésia rajada de tufo vulcânico, pulverizando-se em rendas de branca espuma. Por vezes, quebrava a onda e a vaga, rolando, ia de novo rebentar, de encontro à fraga com tal fúria, que subia o mar pela rocha fora.

Apitou o «Bútio», um apito longo e esmarrido que estrugiu no côncavo da montanha. E, lançada ao mar a poita, é arreada a lancha dos turcos e para ela saltam os passageiros. Posto que seja o mar grosso e cavado, há minutos de jazida. Aproveitam os barqueiros, um dos quais, a lancha encalha, desliza nos paraís, puxada por um rancho de homens que parecem a cauda enorme dum centauro, corpos curvados em bicha e mãos chumbadas à comprida corda amarrada à popa da canoa» (pp. 27-28).

Mas nem sempre era possível descarregar os mantimentos e materiais que vinham da cidade para abastecer as povoações costeiras, como se lê em *Torna-Viagem* quando Francisco diz: «– Não me alembra qu'a «Festa» tá à porta e com mar mau o vapor não descarrega» (p. 44), e em *Águas Mansas*, quando Eduardinha conversa com a avó de Pedro na cozinha: «– Com a brabeza do mar o vapor não descarrega. Ei velas gasto-se nu instante» (p. 101). E quando Pedro está a sós com Constança, esta revela o temor que o mar pode causar: «De minutos a minutos, a atenção desligava-se e o ruído surdo e pastoso do mar vencia o silêncio total. E Constança, em sua ingenuidade, apertando-me as mãos perguntava-me se o mar não podia, em sua bravura, alagar a terra» (p. 112).

Os mares remexidos do Norte também estão presentes em *Luísa Marta*:

«– Tá um tempo feio. Alevantou-se uma levadia braba! – disse o Japona de cachimbo na boca e a cara tisonada do habitual fogo da lareira.

– Cando vem o vapor? interrogou o Faria.

– O «Bútio» deve tar aí com carga dentro de oito dias, se o mar fizer a vontade – retorquiu o Japona» (p. 35).

Era como se o mar comandasse a vida da aldeia e o sentir dos aldeões, entrando-lhes pela casa dentro e pelos campos fora: «A zoada do mar monocórdica, penetrava,

²³ FOURNIER e JOAQUIM, 2002, «Fantasia da Memória e Fantasma Erótico em *Luísa Marta* de Horácio Bento de Gouveia», p. 39.

forcejada pela ventania, através dos interstícios das portas e das janelas» (p. 52); «E assim iam galopando os dias até que o mar se crispa e enche de neblina e a névoa espessa e movediça cobre a mata cerrada das urzes e dos loireiros. É a outonada de Outubro» (p. 201); «Daquele compacto e movediço mar chúmbeo, vem ululante, o rumorejo guinchado, gritado, lamuriento, esmarrido, doloroso, desesperante e alanceante e súplice da voz dos pinheiros arquejando de braços torcidos e troncos vergados pelo tagante impalpável mas potentíssimo do vento» (p. 238).

Também a Sul o mar nem sempre estava de feição e por vezes causava estragos. Em *Lágrimas Correndo Mundo*, Maria Clara e Maria da Luz conversam sobre a levadia que atingiu a cidade do Funchal:

«– Para onde vai?

– Até ao cais ver o mar que stá de levadia, atirando pedras par o largo da Praça da Rainha.

– Então eu também vou.

Quando se acercaram do “Golden Gate” a multidão enchia os passeios e a rua que desembocava no cais, e adensava-se para a beira-mar. As ondas vinham empinadas, violentas, quebrar-se na ponta do cais e, em certas ocasiões, parecia mesmo que o devoravam com todas as potencialidades da génese do Mundo. E era um rugir rouco e arrastado, no qual se pressentia a dor do impulso que fraquejava, por fim, no retrocesso» (p. 100).

O estado do mar condicionava a navegação de cabotagem. Os vapores transportavam mantimentos e materiais, mas levavam também pessoas que, por um ou outro motivo, tinham de deslocar-se à cidade e voltar. Estas experiências, melhores para uns do que para outros, também polvilham os romances de Horácio Bento de Gouveia que, sendo natural da Ponta Delgada, devia conhecer bem esta realidade ilhoa. O vapor *Bútio* é o mais mencionado nas suas viagens para o Norte da ilha. Era nele que se deslocavam os caixeiros de bordados, por exemplo, que faziam viagens, permanentemente, para levar os bordados para as bordadeiras dos campos executarem, como é o caso de João de Freitas em *Lágrimas Correndo Mundo*. Para o Sul, havia o vapor costeiro *Falcão*, também usado por João de Freitas nas suas viagens para dirigir-se às povoações da costa de baixo: «Ao chegar ao cais a lancha do Falcão tomava os primeiros passageiros. Aproximou-se da escada de pedra. O cheiro da maresia indispôs-lhe o estômago» (p. 80).

Para além de serem escassas as vias de comunicação terrestre, também os desastres naturais impediam muitas vezes as deslocações por terra, tornando-se a navegação costeira a única alternativa para quem tinha de deslocar-se, conforme se depreende da conversa entre Simão e João de Freitas:

«– Deu-se uma grande quebrada no Paço da Areia, entre a Fajã e a Ponta Delgada. A rocha entrou mais de vinte metros pelo mar.

– Aqui há tempos, quando por lá passei, em serviço da Casa, eu estava mesmo a ver a rocha desabar em cima de mim. Agora só posso ir da Ponta Delgada para São Vicente no «Gavião» ou no «Bútio»» (p. 95).

Eram também estas embarcações que se prestavam ao transporte dos romeiros para as romarias e arraiais que iam acontecendo nas diferentes povoações: «Na Ribeira Brava o mar colava-se ao cais como às pedras se fixam os rizoides do musgo. Não buliam as águas. A lancha vinha do “Gavião” cheia de romeiros. Unia-se ao degrau da escada do cais e, de cambulhada, todos saltavam» (p. 165). Em *Canga*, o vapor *Gavião* vai também ao serviço dos romeiros que almejam participar no arraial da Ponta Delgada:

«O vapor “Gavião”, embandeirado em arco, apitou e ancorou no porto onde vai golfar centenas de romeiros. As lanchas mal topam no calhau e o primeiro “paral” se ajeita ao escorregar da quilha, vá de a companha puxar pela corda que está presa à popa, antes que uma onda mais forte revire o barco e encharque a malta dos passageiros que, precipitadamente, saltam em terra aos tropos-galhopos, mergulhando os pés nas poças, molhando os sapatos e atirando cestas e balaios para longe do quebra-mar» (p. 80).

Como que acentuando as dificuldades mais sentidas a Norte, em *Canga*, encontramos uma descrição de viagem que faz da travessia Sul-Norte uma provação, como se já não fosse provação suficiente o viver isolado dos ilhéus nortenhos que pareciam padecer de uma dupla insularidade:

«Quando o “Bútio” dobrou a ponta de São Lourenço e principiou a sulcar o mar do Norte, as vagas, eriçadas pelo vento rijo a soprar do largo, pareciam pôr em perigo a pequena embarcação que, aos tombos, era invadida pelas ondas mais alterosas que varriam o convés. Começou então a ladainha dos passageiros, que imploravam a protecção do Senhor Jesus para as suas vidas. O Miséria e a mulher para ali estavam estirados no chão, com os fatos emporcalhados de vômitos amarelos dos que nauseavam da ponte, onde o ajuntamento de homens e mulheres era mais tumultuário. Os gemidos, ora enfraqueciam, ora se elevavam a par das súplicas aos santos da devoção de cada um.

Mas o mar foi amainando e muitos olhos pasciam pelas anfractuosidades do litoral, onde se erguiam colunatas negras de basalto e se delineavam perfis de castelos com suas barbacãs. E o “Bútio” apitou e lançou a âncora na enseada da Ponta Delgada.

Ao varar das lanchas no calhau havia muitos curiosos para assistir ao desembarque e ao embarque. Além das senhoras da terra, achavam-se os parentes e amigos dos que vinham e dos que partiam» (p. 208).

Descrição semelhante acontece em *Luísa Marta*:

«O “Falcão”, naviozinho de cabotagem, perlongava a Ilha quase todas as semanas. Assemelhava-se a qualquer dos cacilheiros que fazem o percurso entre o Terreiro do Paço e Almada. Mas porque a sua estrutura assentava toda em madeira, o barquito boiava como cortiça ao lume de água.

Desferrámos do cais da cidade pelas 5 horas da manhã. Continuava-se a terra pelo mar dentro no estático, na estabilidade do “Falcão” que parecia imóvel na massa líquida móvel. Mas a planura aquática desequilibra-se assim que o “Falcão” entre no mar do Norte, dobrando a Ponta de São Lourenço. Assiste-se e vive-se o espectáculo da onda que sobe e desce para, em seu lugar, se formar uma cova onde o navio se abisma, voltando ao cocuruto doutra vaga desmesurada. Os estômagos não podem sofrer os vómitos que derrancam todo o organismo, como se a morte espreitasse» (p. 74).

Para fazer o transbordo de carga e passageiros, usavam as lanchas, chamadas “gasolinas”, que ligavam os navios de cabotagem aos cais e portos de acostagem: «E, porque principiou de molinhar, lá fomos a caminho do cais onde o gasolina estava prestes a partir, adjacente à escada do cais» (p. 250).

As viagens do Norte da ilha para o Funchal também marcam presença na obra bentiana. Em *Canga*, por exemplo, assiste-se à partida dos Garipos da Ponta Delgada rumo à cidade onde tentarão a sua sorte: «Quando o vapor, o “Bútio”, levantou ferro da enseada e a igreja do Senhor Jesus, como pomba branca, rente ao mar, parecia dar o derradeiro aceno aos que iam a bordo, os Garipos desataram às súplicas ao Senhor para que a sorte os favorecesse na terra alheia, na cidade onde esperavam acabar os seus dias» (p. 219). Porém estas viagens eram para quem podia pagar e estavam, muitas vezes, sujeitas às condições marítimas, como podemos ler em *Luísa Marta*:

«Mantinhm-se primitivas as comunicações com a cidade que eu sabia situar-se lá para o sul: jornadas pedestres desde manhã cedo até à noite, quando o tempo bonançoso, sem chuvadas e sem refegas do Norte, favorecia o viajar. De onde em onde, um barco de cabotagem longe do porto de calhau apoitava, se o mar estava desencapelado sem as movediças ovelhas brancas de espuma» (p. 26).

O que mais à frente se confirmava: «Ir à cidade, no Inverno, tornava-se perigoso e dificultoso por via das quebradas que destruíam o caminho, já de si incómodo, com os degraus primitivos que exigiam bordão. De barco, quem pensava nessa viagem! O mar continuamente de levadia com as vagas desenrolando-se a muitas dezenas de metros do calhau» (p. 50). Talvez por esse motivo muitos adultos das aldeias nunca iam à cidade. A própria Luísa, quando vai no *Gavião* acompanhada pelo tio Francisco, a caminho da cidade para empregar-se como criada na casa de uns ingleses, afirma: «– Eu nunca andei de vapor. Há gente que passa mal a viagem, nauseando. Meu irmão ia morrendo quando foi na excursão ao Porto-Santo» (p. 58).

Mas as viagens do Norte para a cidade do Funchal não eram todas más:

«De uma vez, em Agosto, propiciou-se-me sair da freguesia para emboscar-me no arraial da Senhora do Monte. O “Gavião”, navio que costeava a Ilha, na véspera da festa religiosa e profana, ancorou no porto de calhau com mar banzeiro como é específico do mar do

Norte no Verão. E eu me embarquei, embora mau marinheiro, receoso de temor, pois jamais esquecera a viagem do “Falcão” tão angustiosa fora numa Páscoa inolvidável de cinco anos para trás» (p. 97).

O Dr. Egídio, natural da Ponta do Sol, recorda «[q]uando regressava das férias do Carnaval, e principalmente da Páscoa, a bordo do barquito “Victória”, durante as horas do percurso, a viagem era uma divertenga pegada com os estudantes que se deslocavam de mais longe, da Calheta» (p. 276). Em *Lágrimas Correndo Mundo* também temos viagens prazenteiras dos caixeiros de bordados que, depois de distribuírem os trabalhos pelas bordadeiras do campo, regressavam à cidade: «O vapor “Victória” não tarda a largar em derrota da cidade. Enfiam pelo furado, percorrem o cais, descem a escada e saltam para a lancha, os dois caixeiros de bordados. Sete horas da noite. Entra o “Victória” na baía. A cidade é um candelabro imenso, de imensos braços que se bifurcam em diademas de luzes» (p. 49).

E esta cidade, com a sua ampla baía cheia de um azul intenso de mar ilhéu, é também alvo de constante contemplação. Em *Lágrimas Correndo Mundo*, quando Maria de Jesus e a sua mãe Luísa vão a caminho de casa, podemos ler a seguinte descrição:

«E de degrau em degrau, chegaram ao cabeço, miradoiro natural sobre a baía. Reverberava a cidade com as fiadas de luzes, rente ao mar, e as constelações que elas desenhavam, por vales e colinas, as quais luzes assinalavam a criação de Deus e a Ciência do homem. Iluminado o *giorno*, via-se um paquete de duas chaminés a meio da enseada.

– Será um vapor alemão?

– Pode ser que ele traga notícias do Joaquim, afilhado da mãe. Deve andar por quatro meses qu’ele escreveu e até agora ã deu sinal de si» (pp. 20-21).

Numa manhã, Maria de Jesus lavou-se e penteou-se e «[d]epois, olhou para o mar, absorta. Nem a mais leve ondulação se notava. Era um deserto. Nenhum navio tinha apoitado. Só uma lancha cortava as águas da baía, da Pontinha para o cais» (p. 66). Já na noite de São Silvestre «quatro grandes paquetes iluminados em arco embelezavam a baía calma. Para se sentir a arfagem da respiração do mar, o ouvido devia concentrar-se e os olhos acompanharem o espreguiçamento soluçante das águas em desmaio, cingindo o cais, e apegando-se e despegando-se da cintura do litoral» (p. 113).

Este desejo de contemplação é observado em *Margareta*, desde o momento em que ela entra no avião rumo à Madeira: «Subiu a escada e foi sentar-se na cadeira com lucarna para o mar» (p. 12). Quando Margareta e Nuno estão a almoçar no Porto Moniz: «Pela janela aberta para o mar, o revérbero das águas, a cintilação da luz que

o céu derramava criando a via entravam nos olhos dela e dele, alteando o sentimento que os unia» (p. 16). Já quando se encontram no Terreiro da Luta, contemplam a vista para baixo, em direção à cidade: «Lá em baixo, a faixa branca e vermelha torrada do casario que forma a cidade, a cidade das mais variadas configurações geométricas de casas que à distância são pegadas umas às outras, casas que sobem do mar para a montanha ou descem da montanha para o mar» (p. 309). E resume-se a contemplação do mar com a história de amor entre os dois protagonistas:

«O fim do dia vê-se olhando para o mar. E o parque de sonho acaba, mas não acaba para os olhos que vêem a bola vermelha do sol tombar no final do mar. E a companheira de Nuno reflecte: o acabar é ilusório. O sol esconde-se e o mar continua a ser visto por outros olhos. Assim é o amor de Nuno. Parece que acaba para comigo, mas não acaba em mim onde ele vive mesmo que não exista nele. Agora encaro com esperança esta ilusão, mas porque não é realidade ora se dilui, ora renasce, mas não morre, acaba mas não acaba porque há uma presença sensível tal como a do mar» (p. 323).

Também em *Águas Mansas* existe a contemplação do mar: «como em viagem de mar, quando se alonga os olhos em busca de terra, uma névoa é ilusão da certeza até que outra sombra se adensa e avulta e não desmente a vista porque não é miragem» (p. 129). Em *Luísa Marta*, o narrador passeia-se e, em jeito de contemplação, compara o mar do Norte com o do Sul:

«Vou divagando pela rua abaixo, a caminho do centro da cidade. Dirijo-me ao cais. Fico pasmado ao olhar para o mar que me pareceu a superfície de um grande lago, sem mexer-se, sem uma ruga. Era um mar diferente do mar do Norte, revoltado, em luta constante com a terra. Medito. O mar do Norte é que respira vida como o vento aos refegões. O mar do Sul está morto» (p. 54).

E como a contemplação é feita através do olhar: «A vida externava-se através do verbo ver. Vêem-se ruas, casas, esquinas, pessoas, carros, os barcos que aportam na baía» (p. 81). Mas também através da audição. No Porto Santo, D. Clotilde e Luísa «[m]uitas vezes pelas manhãs formosas de Maio iam as duas à praia só para recreio dos sentidos; ouvir o unísono da ondulação das vagas mobilizando-se num eterno começar e num eterno acabar» (p. 279).

Em *Torna-Viagem*, no navio *Cabo Hornos*, onde seguia Artur para a Venezuela, pode observar-se: «da amurada do tombadilho, na banda da ré, olhando o mar, um casal de recém-casados ainda sonhava sob a noite estrelada» (p. 75). Esta atração pelo mar também está patente em *Canga*, quando «[v]ezes sem conta Manuel trepava à árvore [uma figueira] e empoleirava-se nos galhos mais altos para pesquisar a barra azul do horizonte onde o mar lhe parecia que acabava. E tinha razão de ser a atracção

que sentia. Todas as semanas despontava, lá muito longe, um navio que demandava a ilha» (p. 37). Anos mais tarde, o mesmo Manuel no cais da cidade do Funchal também contemplava o mar e os navios: «Os passeios ao cais faziam-no reviver, por associação de imagens no espaço e no tempo, os seus dez anos quando, do alto da figueira lá da sua aldeia do Norte, pesquisava o horizonte e, deslumbrado, surpreendia os grandes navios que demandavam a ilha. Agora, via bem de perto os transatlânticos que, cheinhos de gente, de todas as partes do mundo, se dirigiam, cortando os mares, para as terras do Sul» (p. 125). Uma contemplação que também é partilhada por Cristina: «Abre a janela e, contemplativa, alonga, para os lados da Pontinha, o olhar de concentrada cisma. Sente-se em um estado de espírito tranquilo como as águas paradas do mar na enseada do porto. Nem uma ruga ela distingue na superfície do mar» (p. 135).

Como não podia deixar de ser, em *Lágrimas Correndo Mundo*, faz-se também alusão aos bomboteiros (homens que se empregam na venda, a bordo, de bordados e outros produtos da ilha da Madeira). Certo dia, José de Freitas vai à rua de Santa Maria à «procura do Francisco Elias “bomboteiro” de fama, para o incumbir de tomar conta de bordados a fim de os vender a bordo dos paquetes que cruzam o porto do Funchal, com rumo a África, às Américas e à Europa» (p. 150). Depois de muito pensar na proposta de José de Freitas, Francisco Elias está decidido:

«– Já resolvi o assunto, sr. Freitas. Encarrego-me da venda dui bordados dentro dui navios. O primeiro barco a passar pelo porto é o “Arlanza” depois de amanhã, terça-feira. O senhor que apronte uma remessa de tudo o que tiver na casa no valor de vinte contos. Os ingleses e os alemães são bons fregueses. Vua fazer o impossível por despachar os artigos mais caros. Tem muita procura as toalhas arrendadas e de cores. Vua falar ao Julinho para ele me alugar uma canoa das novas, com riscas azuis e brancas. Faz outra vista ir para bordo em canoa bem pintada» (p. 153).

Estas toalhas eram as que custavam tanto às bordadeiras a bordar, para ganharem apenas umas míseras patacas, como dizia Maria de Jesus à sua mãe: «A vida de bordadeira é feita de munta lágrima. Mal sabem esses milionários que passam por aqui nui vapores de recreio canto custa cada toalha das muito arrendadas que eles compram, dando muitos contos de réis. Sim, minha mãe, mal sabem quanto custa à digraçada da bordadeira» (p. 72). Mas o certo é que as toalhas seguiam o seu caminho: «O “deque” do navio ia ser, em breves minutos, um bazar de lágrimas que correm mundo, transformadas em regalo dos olhos por mãos pacientes de ignoradas artistas» (p. 204).

Também a mergulhança (rapazes que se abeiravam dos navios de recreio em canoas e que mergulhavam para apanhar as moedas que os turistas jogavam para o mar) não foi esquecida. Em *Canga*, «a enseada hospitaleira recebe o navio. Da borda do mar eleva-se a cidade em anfiteatro, a cidade-presépio. Uma chusma de canoas circunda o paquete. Garotos de dorso nu pedem dinheiro. A moeda zigzagueia no mar e eles mergulham e agarram-na» (p. 196).

Não seria possível, no âmbito deste ensaio, mencionar todas as citações que ao mar dizem respeito na obra de Horácio Bento de Gouveia. Pretendemos, sim, com esta breve dissertação, mostrar como os seis romances envolvem o mar em diversas temáticas e relevar a importância do mar na literatura de temática madeirense do escritor nortenho que também vivenciou o isolamento causado pela falta de vias de comunicação terrestre e teve no mar o seu ponto de escape para a cidade do Funchal e mais tarde para Lisboa e para o mundo.

Embora tenhamos analisado os seis romances com base nas alusões feitas ao mar, como espaço e tempo líquidos da narrativa, não nos podemos esquecer das tantas idiossincrasias regionalistas, culturais, críticas e acutilantes que, numa prosa absolutamente humanista, denunciavam o drama do ilhéu do qual era o escritor o porta-voz. E é neste modo de emprestar a palavra àqueles que nunca a tiveram que, de certa forma, Horácio Bento de Gouveia nos faz um retrato da realidade insulana de então, deixando registos literários que constituem um marco na História da literatura madeirense, constando, assim, como um dos mais proeminentes escritores madeirenses contemporâneos.

Fontes

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1959, *Lágrimas Correndo Mundo*, Coimbra, Coimbra Editora.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1963, *Águas Mansas*, Coimbra, Coimbra Editora.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1980, *Margareta*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1982, *Luísa Marta (Ficção e Memória)*, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Secretaria Regional do Turismo e Cultura.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 1995, *Torna-Viagem*, 2.^a Edição, Funchal, Editorial Correio da Madeira.

GOUVEIA, Horácio Bento de, 2008, *Canga*, 4.^a Edição, Funchal, Empresa Municipal "Funchal 500 Anos".

Bibliografia

- ANDRADE, Irene Lucília, 2021, «Ainda que o digas, não partirei», in VERÍSSIMO, Nelson e BURNAY, Catarina Duff (coord.), *A Condição de Ilhéu, Arquipélago da Madeira*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 33-38.
- CARÉ, Maria Júlia Gomes Henriques, 2021, «Ilhéu madeirense: um testemunho no feminino», in VERÍSSIMO, Nelson e BURNAY, Catarina Duff (coord.), *A Condição de Ilhéu, Arquipélago da Madeira*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 75-84.
- CORREIA, João David Pinto, 2021, «A condição de ilhéu: vivência, memória, testemunho», in VERÍSSIMO, Nelson e BURNAY, Catarina Duff (coord.), *A Condição de Ilhéu, Arquipélago da Madeira*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 13-22.
- FARIA, Lisandra Ornelas, 2017, «As crónicas jornalísticas de Horácio Bento de Gouveia: Contributos para a Afirmação da Identidade Madeirense», in *Islenha*, n.º 60, pp. 45-54.
- FOURNIER, António, JOAQUIM, Duarte Correia, 2002, «Fantasia da Memória e Fantasma Erótico em *Luísa Marta* de Horácio Bento de Gouveia», in *Islenha*, n.º 30, pp. 37-49.
- FOURNIER, António, 2021, «O céu sobre as ilhas», in VERÍSSIMO, Nelson e BURNAY, Catarina Duff (coord.), *A Condição de Ilhéu, Arquipélago da Madeira*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 23-31.
- LARSEN, Svend Erik, 2012, «Sea, Identity and Literature», in *1616: Anuario de Literatura Comparada*, n.º 2, pp. 171-188. Disponível em https://www.academia.edu/83958661/Mar_identidad_y_literatura, consultado em 2022/ 12/ 22.
- RODRIGUES, José Luís, 2021, «Ilhéu Madeirense», in VERÍSSIMO, Nelson e BURNAY, Catarina Duff (coord.), *A Condição de Ilhéu, Arquipélago da Madeira*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 119-129.
- SANTOS, Thierry Proença dos, 2001, «Em Torno de Horácio Bento de Gouveia e do seu Romance Ilhéus / Canga», in *Islenha*, n.º 29, pp. 5-15.
- SANTOS, Thierry Proença dos, 2002, «Horácio Bento de Gouveia: a (Re)escrita de *Ilhéus / Canga*», in *Islenha*, n.º 30, pp. 51-68.

- SILVA, Margarida Macedo, 2002, «Recordando o Mestre. Anotações a um Itinerário Bibliográfico», in *Islenha*, n.º 30 pp. 26-31.
- SPÍNOLA, Hélder, 2021, «A natureza e o ilhéu madeirense», in VERÍSSIMO, Nelson e BURNAY, Catarina Duff (coord.), *A Condição de Ilhéu, Arquipélago da Madeira*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 131-142.
- VERÍSSIMO, Nelson, 2021, «Entre mar, serras e medos», in VERÍSSIMO, Nelson e BURNAY, Catarina Duff (coord.), *A Condição de Ilhéu, Arquipélago da Madeira*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 39-42.